

MARCAS DA MINHA EXISTÊNCIA – REGISTROS GRÁFICOS

CÁSSIA GONÇALVES¹

RESUMO: Desde o início, esta pesquisa foi centrada no próprio material (primeiramente placas de poliestireno e agora placas de acrílico), nas imagens gravadas nesse suporte, e não na reprodução. Neste processo, ao gravar as matrizes usei inicialmente o poliestireno e atualmente uso o acrílico. Além da ponta-seca, usou-se também o berceau, a roulette, o formão, as goivas e as pontas-secas não usuais, por exemplo, feitas com pregos. Deixou-se a seriação (multiplicidade) de lado, e o resultado obtido passou a ser outro, podendo ser chamado de objeto, de matriz trabalhada ou de escultura – pois nesses trabalhos começou a aparecer a percepção da tridimensionalidade.

PALAVRAS- CHAVE: GRAVURA – MATRIZ - OBJETOS RECORTADOS - FRAGMENTOS

ABSTRACT: From its very beginning, this research was focused on materials (polystyrene plates at first and later acrylic plates) and on images etched on these materials, rather than on reproductions. For this process, I initially used polystyrene and now I currently use acrylic to etch on the master blades. As well as the dry-point needle, I also used the berceau, roulette, chisel, gouge and unusual needles i.e. made of nails. Seriation was not employed and I obtained an altogether different result which may be called an object, a hand-wrought masterwork or sculpture, since in these works the notion of three-dimensionality became clearly visible.

KEY-WORDS: ENGRAVING – MATRIX – CUTTING OBJECTS - FRAGMENTS

Damos nomes às coisas, para que o “caos” não se instale no mundo, para explicar acontecimentos e situações ocorridas ao nosso redor, sendo que cada povo, cultura ou grupo, usa recursos visuais diferentes, explicando o mesmo fenômeno ocorrido, estabelecido no mundo físico com rebatimentos no espiritual.

O mundo visual, da linguagem plástica, com suas representações, recursos imagéticos, é o

¹Graduação em Licenciatura Plena, Educação Artística, Habilitação em Artes Plásticas.

cassiagoncalves_sp@hotmail.com. Texto extraído do Relatório de Qualificação para Dissertação de Mestrado. Qualificação ocorrida em 11/02/2008, na FASM-Faculdade Santa. Marcelina, em São Paulo/SP, campus perdizes, no Curso de Mestrado em Artes Visuais, Linha de Pesquisa: Procedimentos em Artes Visuais sob orientação da Profa. Dra. Luise Weiss

mundo do qual falo e uso para representar os acontecimentos ao meu redor; é desta linguagem que lanço mão, que me aproprio para contar e expressar coisas sobre meu mundo, do macro e micro-universo.

A vida não é separada da arte, não são excludentes o viver e o representar o mundo (*expressar minha arte*), são partes unidas, complementares de um mesmo processo.

Como artista digo que no início foram as *imagens*, que prevaleceram, e ficaram, para nos mostrar - imagens estas - deixadas nas cavernas como arte rupestre (gravadas ou pintadas na rocha), sendo a maneira que o homem da pré-história encontrou para deixar como testemunho de sua vida, naquela época, o seu cotidiano, a vida em grupo, a caça etc. Hoje ainda continuo a achar que é a *imagem* que me faz contar do meu mundo. Na atualidade, às vezes usamos o conceito juntamente com a expressão plástica, conceito que gera imagens que serão representadas à escolha do artista, podendo ser: *arte digital, novas mídias eletrônicas, desenhos, gravuras impressas ou pinturas, etc...*

Linhas *versus* massa, texturas *versus* placa polida, os artistas escolhem, as opções são múltiplas; as escolhas são as atitudes práticas exigidas na *práxis* (prática) diária do atelier, elas estão ao dispor para dar como resultado final a aparência que terá a obra de arte.

A escolha da técnica cai justamente sobre àquelas que mais se ajustam ao *modus operandi*, próprio, único, na representação plástica do mundo, do modo de ver, sentir e representar, de cada artista em questão.

As imagens gravadas na gravura em metal (*figura 1*), nas suas diversas técnicas (ponta-seca, maneira-negra, água-forte, água-tinta, etc...), utilizadas ao longo do meu percurso como artista plástica, sempre surgiram espontaneamente, pois o foco de imagens raramente tinha um “tema específico”.

Quando havia um tema nunca tive a intenção de ilustrá-lo, de ser uma cópia fiel de imagens figurativas, e, sim, de *apresentar* as imagens em questão.

Na poética estabelecida neste estudo tais formas aparecem absolutamente “livres”, sem vínculo com a figuração, apenas servindo para expressar o desenho que eu queria criar, fosse gravado em placa de acrílico, chapa de metal ou de poliestireno.

Inicialmente, foi utilizada a técnica de impressão de gravuras, com a finalidade da reprodutibilidade, característica intrínseca da técnica da gravura. Por muito tempo imprimi as imagens gravadas nos suportes de: placa de cobre, zinco ou

poliestireno (*figura 2*), até alcançar o foco deste estudo, que são as *grafo-esculturas transparentes*.

O primeiro material usado, que deu origem à esta pesquisa, foi o poliestireno, o qual, anteriormente, eu usava para imprimir as gravuras.

Depois surgiu o acrílico, no qual as formas apresentam-se absolutas, livres.

Por outro lado, nele, essas formas contêm forte carga de emoção, de representação, como é o caso das *grafo-esculturas transparentes*.

Essa denominação é perfeita para a série desenvolvida atualmente, pois as formas gravadas no suporte – acrílico – estão prestes a alcançar o espaço. As formas parecem estar em movimento ascendente, à procura de mais espaço de representação, por minha determinação procurando, assim, a tridimensionalidade.

A placa como superfície riscada. A Matriz, como obra de arte, a Matriz como elemento revelador, que contém em si mesma todos os elementos de que necessito para expressar minha poética.

Surge aqui um novo elemento, que é o poliestireno, material que eu já havia usado em trabalhos anteriores mas com uma função diferente, como matriz geradora de cópias (*a estampa*) impressas. Aqui este material adquire outra função, se prestando a servir como suporte para o trabalho a ser realizado.

A placa como superfície riscada. A Matriz, como obra de arte, a Matriz como elemento revelador, que contém em si mesma todos os elementos de que necessito para expressar minha poética.

Surge aqui um novo elemento, que é o poliestireno, material que eu já havia usado em trabalhos anteriores mas com uma função diferente, como matriz geradora de cópias (*a estampa*) impressas. Aqui este material adquire outra função, se prestando a servir como suporte para o trabalho a ser realizado.

O poliestireno, nesta etapa do meu percurso como artista plástica, oferece características intrínsecas, tais como: a transparência, a textura.

O poliestireno usado com quaisquer materiais, de diferentes maneiras, mostra a linha, a incisão; com qualquer tipo de ponta dura que o risque, ressalta a linha, mostrando-a em diversas posições; tais como vertical, horizontal, paralela, inclinada ou sobreposta, o que forma uma trama.

A Matriz que se revela plena, com a força expressiva da ponta-seca, que adquire textura própria, na forma de expressão, que levanta as linhas do plano bidimensional, mostrando que estas começam a adquirir força para alçar o plano tridimensional.

O artista, na sua necessidade de representação, na captação à representação do mundo ao seu redor ou de suas mais íntimas revelações, traduz estas – como parte de sua poética visual - usando os mais variados suportes.

O meio importa na medida da adequação da técnica escolhida, como um receptor da poética do artista.

No meu trabalho, comecei com o desenho, o mais simples, o primeiro meio de manifestação dos elementos plásticos.

Posteriormente, enveredei por várias técnicas como pelo uso de: guache, colagem, bico-de-pena, aquarela, tateando, procurando qual seria a técnica que mais se adequava – não que outras sejam inadequadas – aos meus desejos de expressão plástica, impulsos, sonhos e formas, que faziam dança nos pensamentos, à procura de expressão e representação.

Detive-me e detenho-me nas formas. São livres, não se remetem a nenhuma figuração prévia, e, sim, associam-se a fragmentos/pedaços .Cheguei à gravura em metal, o que me satisfez plenamente, ao ver impressas as imagens.

Foi gratificante o primeiro contato esta técnica ,especificamente por verificar a adequação desta aos meus desenhos, pois nunca havia utilizado antes este suporte.

A gravura para mim é mais crítica e exigente em relação aos procedimentos, pois um mínimo de deslize reduz a obra ao nada. Nenhuma imagem, que foi previamente desenhada, aparece no suporte, pois no processo da gravura é característica intrínseca – do desenho até a impressão – um planejamento que não nos dá total certeza do que vá aparecer na “impressão”; não há controle “absoluto” do que foi previamente gravado, existe aí uma porção de “acaso”, que o artista decide ou não se incorpora em seu trabalho.

Um olhar mais acurado, mais próximo do suporte que eu estava usando, levou-me a mudar e continuar o trabalho que, desde 2001, até este momento (2008), venho desenvolvendo, utilizar o “suporte” sem “imprimir” as matrizes.

Inicialmente, trabalhou-se com placas de poliestireno em tamanhos iguais, (*figura 3*) assim definidos: 30 cm (alt) por 23 cm (larg). A montagem final, que resultou em exposição em 2001, na Galeria Gravura Brasileira, resultou num painel de imagens, com 8 placas na altura e 5 na largura, ou seja, aspecto final de 2,40 m (alt) por 1,08 m (larg).

Essa composição, ora assumia de maneira mais homogênea a cor sangüínea da entintagem, ora de maneira mais heterogênea, como se houvesse uma variação tonal, a enganar os olhos do espectador, gerando uma leve dúvida, que desaparecia pela aproximação do olhar mais detido sobre a obra.

Neste trabalho de 2001, fica evidente, de maneira mais clara , o surgimento do traço – incisão

feita com a *ponta-seca*, que rasga o suporte, através do gesto da artista, da mão que usa o instrumento para gravar sua *marca*.

A passagem para a fase seguinte trouxe algumas características novas. O material usado como suporte foi o acrílico. Pela sua transparência, ele isola tudo o que não estiver nele como conteúdo e projeta o que está contido como representação. Nesse material trabalhei com a *ponta-seca*, com a colagem de pedaços de acrílico cortados, rasgados com tesoura para cortar metal, que dá um aspecto quebradiço ao material. Trabalhou-se também com goivas para madeira, *ponta-seca* com pregos, espátulas diversas, alguns desses materiais não são usuais em Gravura.

Essa qualidade (não-usual) levou-me a tomar como procedimento, atitudes igualmente não usuais, utilizando outros instrumentos. Isso me satisfez, me libertou de regras pré-definidas e deu-me a liberdade para criar e ir um pouco mais além no processo.

Ao falar do desenho criado, impossível não pensar na marca que cria as formas utilizadas no trabalho e o significado delas na matéria que recebe a “incisão / relevo”. Matéria gravada é corporalidade, transformada pelo trabalho do homem para um determinado fim, neste caso, as *grafo-esculturas transparentes (figura 4)*.

Ao utilizar esta matéria, cria-se a marca, deixa-se uma inscrição – pois marca é sinal, é indicação para recordar, revelar algo. Reside aí, talvez, o motivo por que ainda se trabalha com uma técnica tão antiga na história das artes visuais. O homem, a partir de determinado momento da história, percebeu que podia deixar rastros, sinais, revelando as “marcas de existências passadas”, que contam a história pregressa e - conseqüentemente - o artista, no seu tempo atual, também a conta, ao deixar marcas nos trabalhos feitos.

O percurso da minha carreira, como artista plástica, teve início quando comecei a expor meus trabalhos, à época desenhos – e em seguida fui me aprofundando na gravura em metal – nas suas diversas técnicas, chegando até aqui, na atualidade destes trabalhos, que é a não impressão das matrizes: elas são a própria obra.

As formas decorrentes deste trabalho que utiliza as técnicas da gravura em metal, na qual dou ênfase à *ponta-seca*, técnica esta direta na execução do trabalho, resultam principalmente em texturas aveludadas gerando uma taticidade característica da linha traçada com a *ponta-seca*. Ao me aproximar, com uma lente de aumento do trabalho, da *ponta-seca*, me deparo com uma aparência de pele (da minha “*própria pele*”) se assemelhando às ranhuras que nela existem, as linhas que se formam na superfície desta; num caráter de auto-referência.

A cor sanguínea também me remete à cor do sangue humano. Taticidade e cor características auto-referentes, mas que falam ao mundo do sensível, não se restringindo a mim mesma, mas extrapolando o caráter do único, e passando ao universal, ao mundo da arte.

As formas resultantes do trabalho, nestas matrizes, ora quebradas

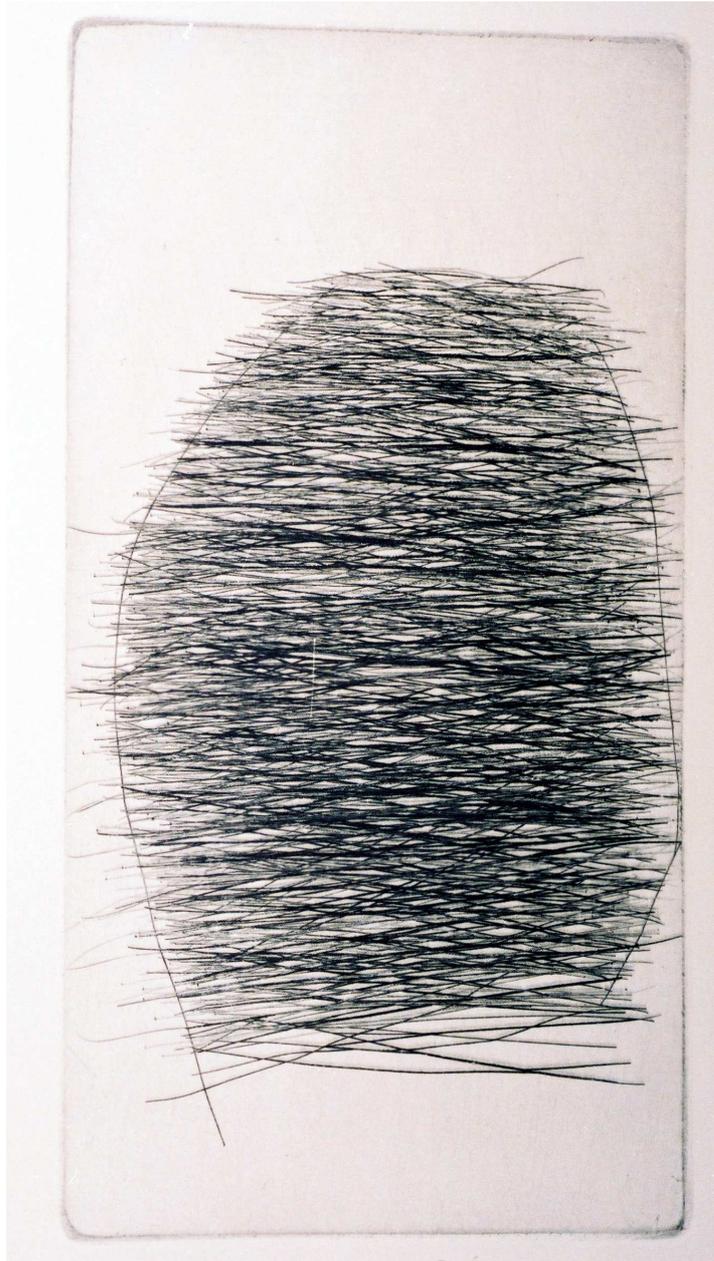
(*figura 5*) com as mãos, ora cortadas com a tesoura para metal, também dão a aparência de ranhuras, pelo fato do acrílico ser rasgado ou mesmo quebrado. Pontiagudas, arredondadas, retangulares, as formas me levaram à esta fragmentação nos trabalhos, me fazendo pensar na próxima etapa deste trabalho.

Terá este um aspecto tridimensional?

Qual técnica ou quais técnicas vão ser usadas, e quais características estes trabalhos terão?

Saberei somente através da *práxis*, do trabalho em atelier. Pois a realização se une ao pensamento, movendo o trabalho no sentido da próxima etapa a ser executada, que resultará em trabalhos outros.

Figura 1



Série Gravuras Impressas
Gravura em metal
Butil
28,5 cm x 15 cm
1990

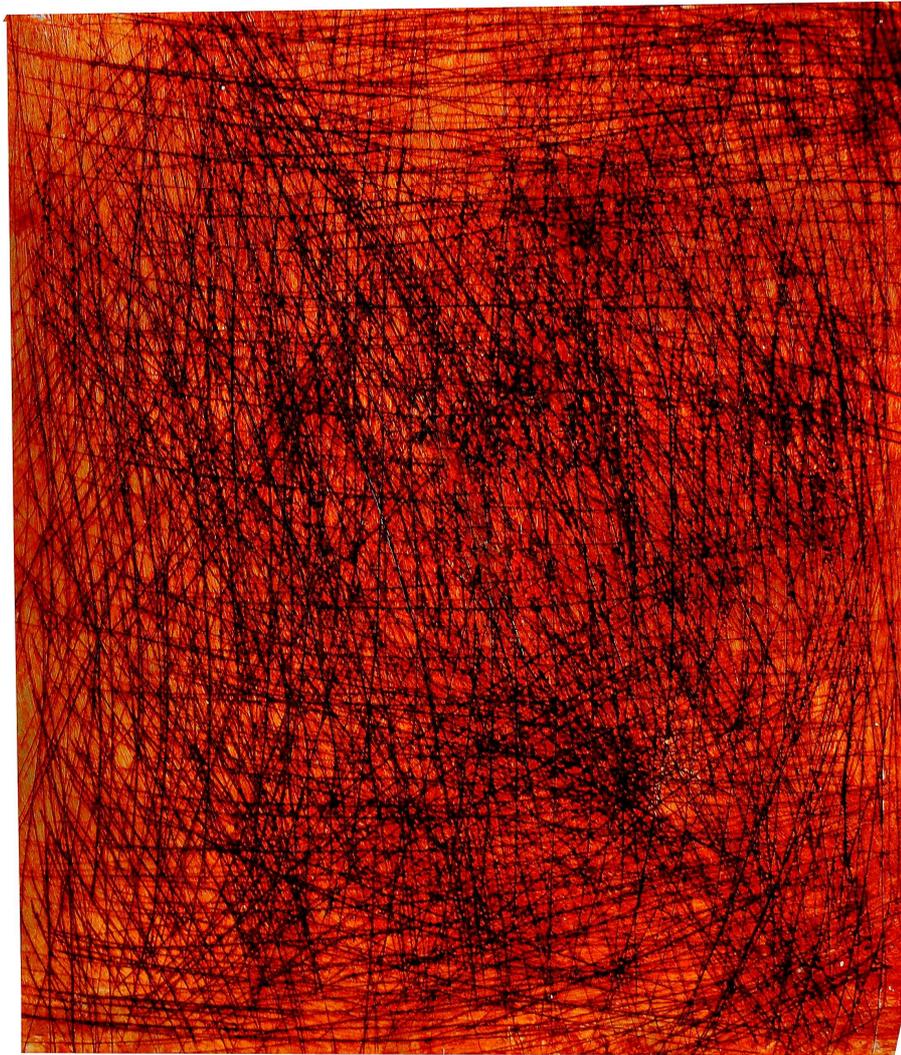
Figura 2



CÁSSIA GONÇAL

Série Gravuras Impressas
Gravura s/ matriz de poliestireno
Ponta-seca
34,5 cm x 26,5 cm
1993

Figura 3



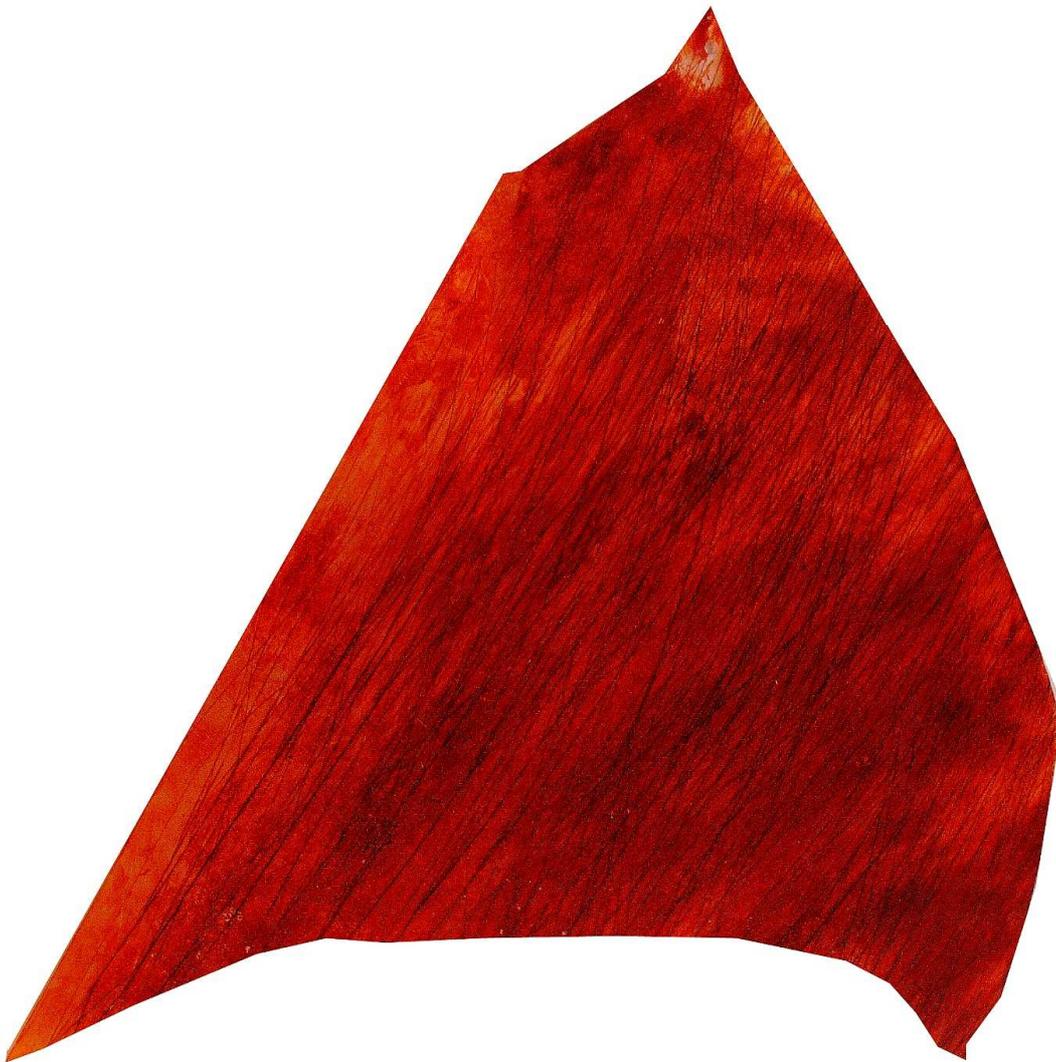
Série Matrizes de Poliestireno
Matriz de poliestireno,
trabalhada com ponta-seca e
entintada
30 cm x 23 cm
2001

Figura 4



Série Grafo-Esculturas Transparentes
Placa de acrílico, recortada,
trabalhada com ponta-seca e entintada
1m x 1m
2007

Figura 5



Série *Fragmentos de Matriz*
Recorte de placa de acrílico,
trabalhado com ponta-seca e entintada
40 cm x 40 cm
2005

CÁSSIA GONÇALVES

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935
Educação, Cultura, Linguagem e Arte
www.unioeste.br/travessias